

Como era a vida no tempo de Jesus



Craig L. Blomberg, Ph.D.

*Experience: Distinguished Professor of New Testament Studies
at Denver Seminary in Littleton, Colorado*

I. Introdução aos desenvolvimentos religiosos

Nesta segunda unidade, desejamos nos voltar dos desenvolvimentos históricos e políticos que estabeleceram o cenário da formação do Novo Testamento, para desenvolvimentos mais notoriamente religiosos, embora reconhecendo que o mundo antigo não conhecia a separação entre igreja e estado como a existente em alguns países modernos e, portanto, essa divisão é sempre um pouco artificial.

Mas uma pergunta interessante e importante a fazer a si mesmo é: “Se eu estivesse vivendo em algum lugar do Oriente Médio por volta da época do nascimento de Jesus, quais teriam sido as opções religiosas disponíveis para mim?” Que apelo elas tinham para determinados segmentos da população e não para outros? E de que maneira o ensino de Jesus e o cristianismo, que cresceu após sua vida e morte, se relacionam com as várias opções religiosas e a diversidade do mundo do primeiro século?

II. Religião greco-romana

Podemos dividir nossos pensamentos em duas categorias amplas: primeiramente, o império greco-romano expandido, no qual Israel se encontrava; e, em segundo lugar, as opções mais especificamente judaicas, particularmente para alguém vivendo no território de Israel. O primeiro século foi descrito por muitos historiadores como um tempo de crise de consciência para muitas pessoas e pensadores greco-romanos convencionais. A forma mais bem conhecida de religião greco-romana, a crença nos mitos antigos, estava sendo cada vez mais abandonada em favor de outras alternativas.

A. Mitologia

Havia, sem dúvida, muitas pessoas que ainda acreditavam, até

certo grau, na mitologia de séculos passados. Originalmente, ela encontrara seu apelo como uma espécie de substituto para a ciência primitiva.

Apolo era o deus sol, que dirigia seu carro de fogo todos os dias pelo céu, assim explicando o movimento aparente do sol para as pessoas da terra. Por sua vez, Baco ou outros deuses do vinho, Ártemis, a deusa do amor, Mercúrio, o deus mensageiro, e muitos outros bem conhecidos dos alunos das antigas mitologias greco-romanas, ajudavam a explicar alguma prática específica da natureza ou algum exemplo de comportamento humano, das delícias dos apetites e virtudes e dos vícios. Mas o problema era que, no primeiro século, muitas das façanhas dos deuses e dos antigos mitos já haviam sido ultrapassadas por imperadores humanos desde o tempo de Alexandre o Grande. Imperadores humanos haviam conquistado territórios maiores do que se dizia que até mesmo os deuses da Grécia e Roma eram capazes de governar. E a ciência, embora primitiva para os padrões modernos, já havia descoberto as leis naturais de causa e efeito responsáveis por grande parte do curso dos acontecimentos do universo. Portanto, cada vez mais os mitos perdiam importância.

Não é coincidência a cidade de Listra, lugar do Novo Testamento onde vemos evidência da mitologia grega — a história em Atos 14 acerca de Paulo e Barnabé serem confundidos com os deuses gregos Zeus e Hermes — ser um lugar muito atrasado e isolado, onde frequentemente as antigas tradições tinham a maior dificuldade de morrer. Mas, se as pessoas já não estavam mais seguindo tanto os antigos mitos quanto antes, que outras opções greco-romanas haviam? Bem, com a ascensão do Império Romano, particularmente nas terras da parte oriental do império, uma moda novíssima era a da adoração ao imperador. Essa era uma opção religiosa que crescia gradualmente.

B. Adoração ao imperador

Inicialmente, os imperadores só eram deificados por aclamação do senado romano depois de sua morte. Calígula, que reinou de 37 a 41 d.C., alegou ser um deus ainda enquanto vivia, e a maioria das pessoas pensava que ele era louco. Foi só a partir de meados da década de 60 d.C., com o imperador Nero, que tais alegações, em parte sob coerção, começaram a ser levadas mais a sério. No primeiro século, ao se aproximar o momento em que foi escrito o livro de Apocalipse, o imperador Domiciano realmente exigia que todas as pessoas do império lhe oferecessem uma pitada de

incenso e dissesse as palavras: “César é o Senhor”.

Assim como o judaísmo que a precedera, essa religião cristã não resolveria a situação. A perseguição que o Cristianismo acabou tendo de enfrentar como resultado do culto ao imperador é uma parte importante do cenário religioso do primeiro século e o surgimento do Novo Testamento. Mas é preciso notar que, nos dias de Jesus, nos primórdios desse período, a oferta de um sacrifício ao imperador era vista pela maioria das pessoas do império como pouco mais do que um ato patriótico. Ela, na verdade, não definia a profundidade de sua identificação religiosa.

C. Religiões de mistério

A terceira opção, então, era o que os estudiosos chamaram religiões de mistério. Elas eram uma coleção diversificada de movimentos, frequentemente novos, muitos deles influenciados pelo oriente, inclusive pelo Egito, que se definiam de uma variedade de maneiras; mas todos afirmando ter alguma revelação secreta, conhecida apenas pelos iniciados nos ritos, nos cultos, dessas organizações fraternais específicas. Todos eles tinham cerimônias de definição que caracterizavam o que o culto faria quando reunido. Às vezes, eles eram muito serenos — diversas formas de meditação. O deus do milho, Deméter, foi objeto de uma dessas religiões de mistério, na qual a pessoa simplesmente meditava e refletia acerca de uma espiga de milho. Outros podiam ser muito bizarros, como o batismo de sangue do culto a Cibele, no qual um sacerdote era colocado em um buraco no chão e um touro era abatido e sacrificado em um treliça de madeira acima do sacerdote, para que o sangue escorresse e batizasse, por assim dizer, o novo sacerdote desse culto.

Houve estudiosos que examinaram paralelos aparentes ou supostos entre os assim-chamados ritos batismais e o batismo cristão ou entre as refeições de comunhão e a celebração cristã da comunhão ou eucaristia.

Em sua maior parte, porém, as religiões de mistério eram bem diferentes do cristianismo, com duas exceções importantes. Mais claramente do que em muitas formas tradicionais de religião grega, as religiões de mistério mantinham a clara promessa de vida eterna, como, de fato, também o cristianismo fazia. E um segundo e muito radical desenvolvimento de muitas das religiões de mistério foi a alegação de que todas as pessoas, todos os sexos, todas as classes sociais, tanto o escravo quanto o senador, eram

iguais aos olhos dos deuses e deusas. E por maior que pudesse ser a distinção de classe que dominava suas vidas durante o dia, quando o culto se reunia secretamente à noite, essas barreiras eram eliminadas. O cristianismo também assumiria grande destaque, como Paulo diria em Gálatas 3.28, afirmando que em Cristo não há escravo nem livre, judeu nem gentio, homem nem mulher.

D. Escolas filosóficas

Uma quarta opção ainda, talvez de influência mais limitada devido aos rigores que exigia, era a opção dos filósofos, de tornar-se um seguidor itinerante de um dos filósofos famosos, passados ou presentes, no mundo greco-romano.

Os epicuristas eram bem conhecidos por seu slogan “comamos e bebamos (e sejamos felizes), porque amanhã morreremos”, embora não fossem tão hedonistas quanto, talvez, o slogan poderia sugerir. Mais comumente, eles simplesmente buscavam cultivar o que hoje consideraríamos as artes — teatro, boa companhia, boas refeições, bom vinho — para aproveitar a vida e eliminar o máximo de dor possível.

A segunda opção, que data de pelo menos três séculos antes de Cristo, mas ainda era bastante popular no primeiro século d.C., era a dos estoicos, que, de algumas maneiras, eram o oposto, ou a contrapartida, dos epicuristas. Eles também queriam maximizar o prazer e diminuir a dor, mas o faziam removendo os extremos de prazer a que os epicuristas se entregavam — cuidados com o corpo disciplinando-o para que a pessoa não sentisse nem os rigores intensos de sofrimento impossíveis de controlar, nem se entregasse às coisas que poderiam se revelar destrutivas.

Teologicamente, os estoicos eram panteístas; ou seja, diziam que Deus é tudo e está em todas as coisas — enquanto os epicuristas pensavam que os deuses, caso existissem, estavam demasiadamente remotos para que se pudesse conhecê-los.

É muito fascinante ver, em Atos 17, o apóstolo Paulo dialogar com os filósofos estoicos e epicuristas e, em certo sentido, criar um confronto entre eles. Contra os estoicos ele diz que Deus é o Criador de toda a terra. Mas, contra os epicuristas, ele diz que Deus não está longe de nós e, citando um poeta estoico, diz: “Nele vivemos, e nos movemos, e existimos”.

Havia outras filosofias menos conhecidas. Uma delas, a dos cínicos — usamos a palavra até hoje — foram os hippies, por assim dizer, do mundo antigo: os vagabundos, os mendigos, os desleixados, aqueles que acreditavam que era preciso cuidar do corpo o bastante apenas para sustentar as suas necessidades mais básicas e depender dos outros para o sustento, a fim de liberar a vida mental, a vida espiritual, para pensar em coisas acima e além deste mundo material. Existem alguns paralelos disso com o ministério itinerante de Jesus e as dificuldades e os rigores que Ele e Seus discípulos enfrentaram, mas, novamente, as diferenças parecem superar as semelhanças.

E. Gnosticismo

Mais um desenvolvimento importante do mundo greco-romano foi o surgimento de uma religião conhecida como gnosticismo, aparentemente provinda de raízes que remontam ao filósofo Platão, mas absorvendo certos elementos judaicos e outros mais recentes greco-romanos. No primeiro século havia um movimento emergente que envolvia, por natureza, intensa negação do mundo.

Era o movimento dos que os estudiosos chamam de dualistas. Os agnósticos acreditavam que o mundo material era mau por natureza, porque, de fato, nos mitos dos gnósticos, a própria criação era um erro, um ato de emanção caída da divindade — uma espécie de entidade impessoal e abstrata que decidiu se rebelar contra o Deus remoto e incognoscível dos gnósticos. E, ao criar a matéria, essa emanção fez algo ruim. Portanto, diferentemente do judaísmo e do cristianismo, tenta-se negar a si mesmo até os apetites corpóreos normais; embora, ironicamente, ocasionalmente, os gnósticos fossem ao outro extremo e dissessem, em essência: “Se a matéria não importa, então vamos apenas satisfazer o corpo sem qualquer limite”.

Esse gnosticismo, pelo menos na segunda metade a fins do primeiro século, começou a combinar-se com certos elementos da doutrina cristã em seu estágio inicial. Para os gnósticos, o salvador era visto tradicionalmente como sophia - a palavra grega para sabedoria, uma referência ao tipo de autoconhecimento que reconhecia a centelha divina que vive em todos os seres humanos. Esse autoconhecimento ou autossalvação começou a ser traduzido como Jesus. Enquanto salvador, Jesus poderia ser equiparado a Sophia. E no mínimo pelos documentos mais recentes do Novo Testamento, particularmente as epístolas de João, parecemos ver o cristianismo tendo de se confrontar com uma forma bastante

desenvolvida do gnosticismo, embora, como destacaremos em nossas aulas sobre as epístolas de Paulo, haja indícios de, no mínimo, tendências gnosticizantes que a igreja primitiva teve de enfrentar ainda mais cedo.

III. Religião judaica

Mas o mundo greco-romano é apenas um dos mundos maiores em que alguém poderia ter vivido no primeiro século. Claramente, todos os primeiros cristãos haviam sido judeus. E embora seja verdade que alguns judeus cometeram apostasia e adotaram formas greco-romanas de religião, a maioria era muito fiel às tradições de seus antepassados. Quais são, então, as opções para alguém nascido e ter sido criado como uma criança judia? Nas páginas do Novo Testamento, lemos acerca das três principais seitas judaicas e, nos escritos de Josefo, historiador judeu do primeiro século, lemos acerca de uma quarta.

A. Am-ha-Aretz (povo da terra)

Às vezes, podemos ler o Novo Testamento e achar que o povo judeu tinha de encontrar-se em uma ou outra dessas quatro [tendências], e que todas as quatro juntas fossem responsáveis por uma maioria do judaísmo. Isso simplesmente não se aplica. A grande maioria, pelo menos 80 por cento (alguns diriam até 95 por cento) de todos os judeus do primeiro século, não pertencia a nenhuma seita específica. Eles eram os trabalhadores comuns — os pescadores, os agricultores, os pequenos comerciantes ou artesãos, os artífices, os carpinteiros. Eles eram depreciativamente chamados Am-ha-Aretz, “povo da terra”, pelos judeus das seitas de liderança — depreciativamente porque eles não tinham o zelo pela lei ou a preocupação de cumprir os mandamentos de Deus nos mínimos detalhes que algumas dessas outras seitas tinham.

E, provavelmente, não é de estranhar que a grande maioria de todos os primeiros seguidores de Jesus tenha surgido desse “povo da terra”: pessoas comuns que haviam mantido uma esperança fiel de um Messias — por um libertador, por um salvador vindouro —, mesmo que não tivessem tempo ou interesse, talvez nem mesmo a possibilidade de estudar a lei em detalhes tão meticulosos, ou de seguir algumas das tendências mais extremistas das seitas judaicas.

B. Fariseus

Mas, e a pequena minoria daqueles que se enquadram em uma das outras quatro categorias identificáveis? Há, por um lado, o grupo conhecido como fariseus, frequentemente ligados aos escribas no Novo Testamento. Um escriba era simplesmente uma profissão, alguém que aprendera a copiar as Escrituras Hebraicas a mão repetidas vezes e, no processo, se tornou muito familiarizado com elas e, por isso, frequentemente um especialista na lei. Havia escribas em várias das diferentes seitas e havia os não filiados a nenhuma seita. A maioria dos que encontramos nas páginas do Novo Testamento parecem ter sido escribas farisaicos.

Os fariseus, que eram uma seita, eram aqueles intensamente dedicados a encontrar maneiras de aplicar a Torá, a Lei Hebraica, a cada aspecto da vida judaica contemporânea. Embora existam 613 mandamentos na Lei, eles certamente não cobriam todas as situações da vida e, certamente, não todas as mudanças de situações ocorridas nos séculos que se passaram após a entrega da Lei judaica. Talvez conheçamos melhor os fariseus por alguns dos conflitos de Jesus com eles, algumas de suas alucinantes invectivas nas quais, particularmente em Mateus 23, repetidas vezes Ele os chama hipócritas juntamente com os escribas. Mas precisamos perceber que os próprios fariseus formavam muitos tipos diferentes de perspectivas no judaísmo antigo. Nem todos, talvez nem mesmo a maioria, eram hipócritas, e até mesmo aqueles que Jesus assim rotulou não eram necessariamente vistos assim pela população judaica. Os fariseus, de fato, eram a seita mais popular entre a gente simples.

A práticas cristãs de culto na sinagoga, que se transformaram no culto da igreja; a compreensão da lei como cumprida no amor; até mesmo os debates específicos acerca de questões éticas como divórcio ou pagamento de impostos; refletem, em muitos casos, um fundo farisaico, mesmo que Jesus quase sempre modificasse um pouco o que os fariseus estavam fazendo ou dizendo. Se alguém quisesse ser brutalmente honesto e refletir a dinâmica do primeiro século, teria de dizer que o cristão evangélico conservador, aquele que hoje tem uma visão muito elevada da Escritura e quer aplicá-la, em detalhes, a todos os aspectos da vida, é, provavelmente, o paralelo mais próximo do antigo fariseu. Quão chocante é, então, quando essas pessoas, às vezes, caem em legalismo e são acusadas de perverter o que deve ser um relacionamento vibrante com Deus em uma religião de intermináveis “faça isso” e “não faça aquilo”. Também os cristãos, particularmente os conservadores, precisam

ter o cuidado de não acabar sendo mais semelhantes aos fariseus do que diferentes deles.

C. Saduceus

Mas havia outros grupos. Havia os saduceus, um grupo um pouco menor, que discordava dos fariseus acerca de várias questões importantes. Enquanto os fariseus haviam adotado novas leis, que vieram a ser conhecidas como lei oral, escritas apenas cerca de duzentos anos após o tempo de Cristo, no documento judaico conhecido como Mishná; enquanto os fariseus acreditavam que Deus continuou a inspirar Moisés, não só para escrever certas leis, mas para preservar outras tradições orais; os saduceus, em contraste, aceitavam somente as Escrituras Hebraicas canônicas, escritas. Em consequência disso, eles também eram mais céticos em relação a tais doutrinas que não eram claramente ou frequentemente encontradas nas Escrituras e, particularmente, na Lei Mosaica: doutrinas como a crença na ressurreição, ou a crença em anjos, a crença na predestinação ou numa vida plena vindoura.

Os fariseus, por outro lado, haviam continuado a se desenvolver em seu pensamento e, novamente, estavam muito mais próximos das crenças cristãs primordiais.

Paulo, julgado por sua vida em várias ocasiões próximas do fim do livro de Atos, apela para o fato de ser fariseu, em vez de saduceu — e, acaba, com isso, dividindo o conselho, dividindo o Sinédrio judaico. Alguns querem sair em sua defesa, outros não.

A aplicação mais literal da lei pelos saduceus, porém, significou sua incapacidade de sobreviver à destruição do templo no ano 70 d.C.. Eles acreditavam que a única maneira de ter o perdão dos pecados era continuar a oferecer sacrifícios literais, enquanto os fariseus acreditavam que uma oração de arrependimento, suplicando a Deus fervorosamente por perdão e, em seguida, agir segundo aquele arrependimento por meio de uma vida transformada, poderia trazer perdão quando fosse impossível oferecer o sacrifício literal de um animal. Não surpreende, portanto, ter sido primariamente o ramo farisaico do judaísmo que tenha sobrevivido à destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C., enquanto os saduceus se extinguíram rapidamente.

D. Essênios

Um grupo cujo nome não aparece nas páginas do Novo Testamento é, no entanto, muito importante. Ele é o grupo dos judeus, conhecido como essênios, e, nos últimos 50 anos aproximadamente, seu trabalho se tornou particularmente bem conhecido e famoso devido à descoberta de uma grande biblioteca de rolos nas praias do Mar Morto em Israel, em um local conhecido como Qumran.

Os essênios eram um grupo monástico, embora saibamos, por outros escritores, que, por vezes, eles viviam em enclaves também em grandes cidades. Mas, mais do que qualquer outro grupo judeu, eles acreditavam que a única maneira de agradar a Deus era retirar-se da sociedade, até certo ponto, e tentar seguir mais escrupulosamente e em detalhes os mandamentos da Torá, as Escrituras Hebraicas. Eles desenvolveram algumas doutrinas peculiares, como a crença na vinda de dois Messias, um sacerdotal e um real, uma vez que, no Antigo Testamento, esses papéis eram atribuídos a diferentes filhos e tribos de Israel.

Descobriu-se muitos paralelos entre os escritos da comunidade de Qumran e diferentes ensinamentos e conceitos do Novo Testamento — as bem-aventuranças, por exemplo, a preocupação com os pobres, ou o uso do termo “Filho de Deus” como título messiânico. Alguns chegaram a sugerir que João Batista poderia ter tido contato com os essênios, devido a paralelos em seu estilo de ministério. Alguns foram ainda mais longe e viram Jesus como um essênio, embora isso seja muito menos provável. De modo que, embora seu nome não apareça nas páginas do Novo Testamento, o que aprendemos por meio dos rolos de Qumran acerca dessa seita distinta iluminou de modo importante a nossa compreensão do judaísmo do primeiro século, no qual Jesus nasceu.

E. Zelotes

O último grupo específico que desejamos mencionar é o dos zelotes, os defensores da liberdade. Emergindo esporadicamente com breves movimentos terroristas ao longo de todo o primeiro século, eles finalmente se aglutinaram na década de 60 d.C. e tentaram derrubar Roma. Como mencionamos na unidade anterior, eles fracassaram miseravelmente. Sem dúvida eles esperavam que a libertação do templo, como ocorrera sob os Macabeus, comemorada no Hanucá, se repetiria; mas, por qualquer motivo, desta vez, fracassou. E sua seita também foi decisivamente

obliterada. Vemos evidências de que os romanos destruíram Qumran. E, presumivelmente, os essênios não sobreviveram ao ano 70 d.C., deixando, portanto, somente os fariseus como o movimento que emergiria e se transformaria no que chamamos judaísmo rabínico, o judaísmo que cresceria juntamente, embora frequentemente em oposição e disputa, com o cristianismo.

F. Resumo da religião judaica

Como podemos resumir o judaísmo do primeiro século? Independentemente de alguém recair ou não em uma dessas seitas específicas, há distintivos chaves, digamos, que definiram a identidade judaica de quase todos. No caso dos homens, certamente a circuncisão os diferenciava de seus vizinhos greco-romanos; além do guardar do sábado a cada sete dias como dia de descanso e de adoração; de suas Escrituras peculiares, a Torá com todos os seus mandamentos; e de sua singular compreensão de si mesmos como povo escolhido de Deus em um pedaço distinto da geografia. O problema era que eles não estavam vivendo em liberdade naquela terra e, portanto, a expectativa messiânica estava madura e era grande, por alguém que viria, os livraria e seria um libertador. Infelizmente, os almeçados messias eram pouco mais do que generais ou governantes militares, de modo que, quando Jesus e o cristianismo surgiram, afirmando que o Messias chegou, a descrição do cargo nem sempre correspondia à expectativa convencional. Mas, com esta breve visão geral, estamos pelo menos um pouco mais bem equipados para nos voltarmos ao Novo Testamento e compreender os diversos movimentos religiosos nele descritos ou pressupostos.